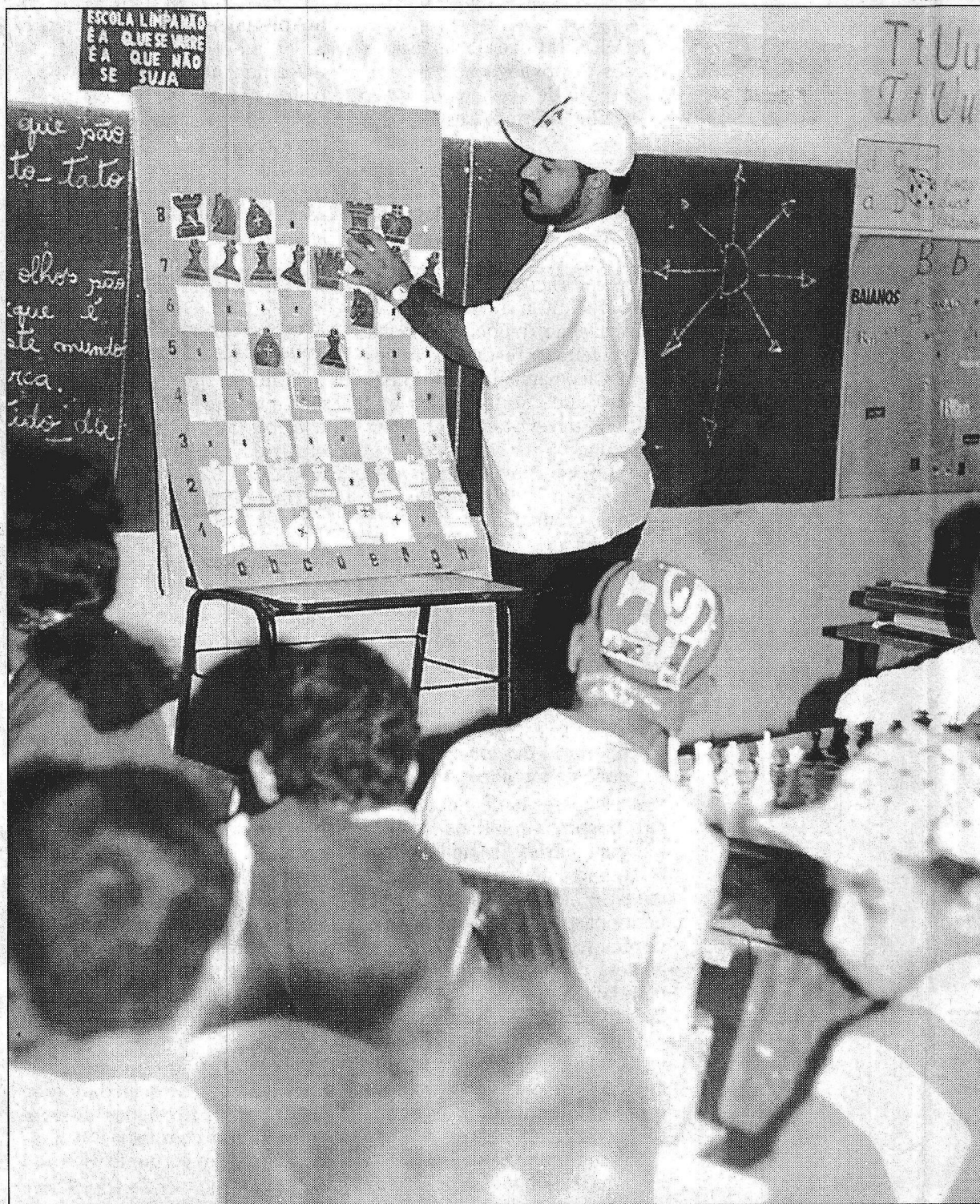


Xadrez dá xeque-mate na evasão escolar

Inclusão do jogo no currículo da rede municipal revoluciona ensino de 1º Grau em Vitória da Conquista

Nelson Rios



Nelson Rios

• SALVADOR. Toda quinta-feira, Leandro Santos Almeida, de 11 anos, percorre os 800 metros que separam sua casa da escola arquitetando os movimentos para pôr em xeque — na própria sala e no horário de aula — algum colega de turma. Leandro cursa a 4ª série do Primeiro Grau na Escola Lícia Pedral, em Vitória da Conquista, a 807 quilômetros de Salvador, e é um dos dez mil alunos da rede municipal que aprendem xadrez no colégio.

A idéia de incluir o xadrez no currículo partiu de Michel Bernard, um francês de 55 anos que há 25 anos mora no Brasil. Engenheiro civil e professor de matemática, Michel vislumbrou no tabuleiro de xadrez um aliado para auxiliar as crianças no desenvolvimento do raciocínio lógico.

— O xadrez é pura lógica. Através do movimento das peças, as crianças acabam, por indução, aprendendo noções básicas de matemática — garante Michel.

Um terço dos alunos em Vitória da Conquista estuda xadrez

O xadrez entrou no currículo em Vitória da Conquista há quatro anos, quando Michel criou o projeto Xadrez na Escola. Hoje, é ensinado a quase um terço dos estudantes. Dos 35 mil alunos da rede, dez mil aprendem o xadrez juntamente com português, matemática e história.

O sucesso da iniciativa foi comprovado por uma pesquisa. Questionário distribuído aos alunos com a pergunta “Você gosta do xadrez na escola” e as respostas “sim”, “não” e “indiferente” apontou a vitória esmagadora do “sim”, com 85% da preferência.

Agora, a Secretaria municipal de Educação pensa em dobrar o

número de professores de xadrez no próximo ano. Atualmente, dez professores, com salários entre R\$ 150 e 300 — dependendo da carga horária — ensinam o jogo.

As aulas teóricas são dadas num quadrado de papelão, reproduzindo o tabuleiro, preso no quadro-negro. As aulas práticas são jogos entre os alunos.

Professora diz que alunos ficaram mais atentos às aulas

O xadrez provocou mudanças também no comportamento dos alunos. Segundo Marlúcia Ferreira, chefe da Coordenação Pedagógica da Zona Urbana, eles passaram a prestar mais atenção às aulas, principalmente às de matemática. E o melhor, segundo a secretária de Educação, Eleusa Câmara, é que a evasão escolar, um grande problema das escolas públicas, diminuiu. O projeto ultrapassou os limites da cidade e ganhou reconhecimento internacional, ao ser apresentado como destaque no quesito “Novidades na educação” no Congresso Sul-americano de Educação, em fevereiro, em Havana.

— No Brasil existe um preconceito contra o xadrez. Dizem que é complicado e coisa de rico. O projeto vem mostrando o contrário — orgulha-se Michel.

A opinião é compartilhada por Roberta Menezes Cardoso, de 11 anos. Aluna do Colégio Diocesano de Conquista, particular, ela tomou contato com o xadrez quando estudava na Escola Municipal Maria da Conceição Barros.

— Troquei de escola mas continuo com o xadrez. O Deep Blue que se cuide — brinca Roberta, que aposentou os jogos de damas e de Banco Imobiliário, referindo-se ao computador que derrotou o mestre russo Gary Kasparov no início do mês. ■